

Paulo R. Medeiros¹

O acaso do conhecimento

The knowledge and its chance

Nesses tempos modernos, onde a água para se beber anda escassa, a guerra é justificável, os alimentos têm procedência discutível e o clima está, literalmente, esquentando, as pessoas questionam. Vivemos em um mundo cada vez mais cheio, não somente no que se refere a números populacionais excedentes, mas também um mundo rico em cultura e com uma miríade de pensamentos, teorias e crenças.

O leque está cada vez mais amplo e, com isso, as dificuldades de se escolher os caminhos do conhecimento pessoal se tornam maiores. As pessoas não conseguem suportar o vazio e se vêem na obrigação de opinar sobre tudo o que é discutível na nossa sociedade. Na maioria dos casos, o que vemos são pessoas pouco informadas que possuem opiniões rígidas sobre determinados assuntos e que criticam com ardor aqueles que se opõem a sua crença, independente dela ser ou não especialista no assunto. Por exemplo, ninguém sabe como o estudo das células-tronco é realizado e muito menos o que esse pode representar para a humanidade e a natureza como um todo, mas todos possuem uma opinião a respeito dos cientistas que desenvolvem tais estudos, ou seja, são contra ou a favor.

Em outros casos, não necessariamente pela ausência de informação, as pessoas tendem a seguir os caminhos mais curtos que as levam ao conforto de preencher o vazio de não conhecer. Assim, as explicações mais simples sobre as diversas questões são as preferidas pela maioria das pessoas.

O ato de opinar me parece, atualmente, uma obrigação independente da crença, classe social ou etnia de cada pessoa e independente do ambiente no qual essas estão inseridas, seja uma universidade, um escritório ou um restaurante. As pessoas se vêem forçadas a possuir uma opinião quando são indagadas sobre o efeito estufa, a guerra ou os problemas sociais do mundo e somente em raros casos buscam se informar através de fatos e tomam

decisões cautelosas observando o lado oposto com empatia. As conversações que ocorrem naturalmente no cotidiano contribuem para a formação de opiniões e podem ser importantes disseminadoras de informação quando se baseia em fatos e na neutralidade. No entanto, essas também podem e, facilmente, disseminam mentiras e boatos que enfraquecem pessoas e a sociedade como um todo. Com isso, não só o esforço de se conhecer, mas também as pessoas contaminadas com essas informações mentirosas oriundas da pura ignorância, saem perdendo.

O fato de não termos informações suficiente sobre um determinado assunto não quer dizer que não possamos opinar sobre eles. Não é isso que quero demonstrar e muito menos o que acredito. Mas, apenas acho que devemos ser cautelosos no que se diz respeito principalmente a temas delicados e criticar com base mais no que sabemos do que naquilo que acreditamos. Muitas pessoas têm um certo receio de novos conceitos e defendem que informações e tradições devem ser mantidas através das gerações e que séculos e mais séculos de cultura podem ser simplesmente dissipados com a adoção de novas atividades. Também acho que cultura deve ser preservada, mas conceitos maléficos para a sociedade como um todo, devem ser severamente excluídos.

Os pensamentos, assim como os genes, são propagados através das diversas gerações de forma quase sistemática. Richard Dawkins introduziu o tema memética em seu livro *O Gene Egoísta*, publicado em 1976, que explica como os pensamentos e a cultura são disseminados através das gerações com base em leis semelhantes as da genética, utilizando unidades denominadas memes. Os memes são propagados através das gerações porque algum tipo de pensamento predominou historicamente e foi passado e mantido adiante.

Assim, apesar de haver alguma variabilidade durante a sua propagação, muito do que se pensava no passado ainda permanece e, provavelmente, sempre permanecerá na nossa sociedade. Por exemplo, se duas pessoas biologicamente idênticas (clones ou gêmeos) viverem em locais totalmente diferentes essas irão, obviamente, possuir conhecimentos e especialidades um tanto quanto muito

¹Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN). Cidade Universitária, Campus I, 58059-900 João Pessoa, PB. medeirospr@gmail.com

divergentes. Nesse sentido, a expressão fenotípica do conhecimento individual de cada pessoa pode representar apenas o resultado do acaso de progressões culturais adquiridas ao longo de caminhos diferentes.

Interesses pessoais são fortes agentes influenciadores na formação de opinião, ou seja, independente do tipo de informação que é transmitida, uma pessoa somente irá absorver essa informação se for realmente do seu desejo pessoal. Dessa forma, a cultura, a religião ou o ceticismo, representam barreiras que podem dificultar a penetração do conhecimento. Algumas religiões, por exemplo, impõem o medo nas pessoas para evitar que elas discordem dos princípios por elas pregados, dificultando ou impossibilitando o despertar do senso crítico e da liberdade de expressão dentro das sociedades.

Ao contrário do que é pregado no nosso cotidiano e apesar do leque de informações existente, a verdade é única, independente do fato de estarmos ou não próximos dela. No entanto, no nosso mundo diversificado existem várias verdades que, historicamente, uma pessoa em um determinado momento concebeu. Saber qual verdade é a mais verdadeira dentre todas é uma batalha que data desde os primórdios da nossa espécie e que, provavelmente, jamais terá uma trégua. Independente de se encontrar na nossa frente ou de ainda se encontrar despercebida, a nossa verdade pessoal não é, e nunca vai ser absoluta, esteja ela baseada no ceticismo ou no misticismo, pois nunca haverá certeza de quão próximo essa se encontra da verdade verdadeira, pois sempre haverá dúvidas sobre isso. Se tudo isso acima é verdade (ou pseudoverdade, pois nada é absoluto), em que direção estamos indo e qual o valor do conhecimento se não sabemos exatamente o quão próximo ele está da verdade?

A ciência e o conhecimento de uma forma geral foram sempre utilizados para satisfazer as curiosidades humanas e gerar tecnologias que favoreçam o bem-estar da sociedade. Atualmente, a ciência precisa extrapolar esses ideais ou até mesmo se desligar deles e se preocupar com os recursos naturais que estão se esgotando, ou melhor, se transformando de forma que não mais favoreça a nossa permanência na Terra. Portanto, independente de verdades absolutas, devemos utilizar o conhecimento, não só o científico, mas também qualquer outra forma de crença, para o bem-estar e manutenção do equilíbrio saudável do nosso planeta, mesmo quando estamos pensando apenas na perpetuação da nossa espécie. Tomadores de decisão da nossa sociedade precisam buscar informações diversas e auxílio sempre que possível para pôr em prática não a sua política pessoal e sim a representatividade da sociedade como um todo. Divergências pessoais devem ser postas de lado pelo menos no sentido prático e idéias que

favoreçam esse equilíbrio devem ser valorizadas e unificadas. Assim, devemos usar o conhecimento nesse sentido e não como uma batalha para saber quem está mais próximo da verdade. Colocar idéias em prática para a melhoria do nosso planeta é prioridade máxima nesses momentos difíceis.